

A psicanálise: dos fundamentos ao futuro¹

Psychoanalysis: from its foundations to the future

Luís Claudio Figueiredo*

Resumo

O texto apresenta algumas ideias acerca do que poderia ser incluído como “fundamento” das práticas e teorias psicanalíticas e se propõe a tese de que estes fundamentos precisam operar como “conhecimento tácito” (no sentido que dá ao termo M. Polanyi) na mente do analista. É a partir dela que se instala a situação analisante na qual pesquisa, tratamento e teorização podem ocorrer. Nessa medida, é a mente do analista que faz continuamente a mediação entre os fundamentos da psicanálise e seu futuro sempre em expansão.

Palavras-chave: Fundamentos da psicanálise. Futuro da psicanálise. Mente do analista.

Abstract

The text presents some ideas about what could be included as a “fundamental foundation” of psychoanalytic practices and theories and proposes the thesis that these foundations should operate as “tacit” knowledge” (in M. Polanyi’s sense of the term) in the analyst’s mind. It is from that thesis that the analyzing situation is installed in which research, treatment and theorization can occur. To that extent, it is the analyst’s mind that continually mediates between the foundations of psychoanalysis and its ever-expanding future.

Keywords: *Fundamentals of psychoanalysis. Future of psychoanalysis. Mind of the analyst.*

1. Palestra em Manaus, I Congresso Amazônico de Psicanálise, em abril de 2023. Agradeço a Andreia Rocha de Vasconcellos, Nelson Coelho Júnior e Octavio Souza pelas leituras e sugestões.

* Psicanalista. Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Professor aposentado da Universidade de São Paulo (USP). Professor da Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, SP, Brasil. lclaudio.tablet@gmail.com

O que está nos fundamentos?

Ao longo da história, foram muitas as ocasiões em que Freud se viu levado a esclarecer o que lhe parecia essencial na compreensão da psicanálise. Por exemplo, em 1914, na *Contribuição à história do movimento psicanalítico* chegou a afirmar:

Pode-se dizer, então, que a teoria psicanalítica é uma tentativa de tornar inteligíveis duas coisas notáveis e inesperadas que sucedem quando tentamos relacionar os sintomas de um neurótico a suas fontes no passado: *a transferência e a resistência*. Toda corrente de investigação que reconheça esses dois fatos e os veja como ponto de partida de seu trabalho pode se denominar psicanálise, mesmo quando chegue a resultados diferentes dos meus (FREUD, 1914b, p. 186).

Na verdade, essa afirmação aparentemente tão simples e generosa – generosa até mesmo com ele que nos 25 anos seguintes não cessou de introduzir novidades na psicanálise – traz implícitas muitas outras ideias que nos parecem corresponder ao que poderíamos chamar de “fundamentos”.

De fato, como nos afirmará mais tarde (FREUD, 1922-23) o caráter de pesquisa e, portanto, de transformações, descobertas e invenções sempre esteve presente: “*Psicanálise*”, nos diz ele,

é o nome: 1) de um *procedimento para a investigação* de processos psíquicos que de outro modo são dificilmente acessíveis; 2) de um método de tratamento de distúrbios neuróticos, baseado nessa investigação; 3) de uma série de conhecimentos psicológicos adquiridos dessa forma, que gradualmente passam a constituir uma *nova disciplina científica* (FREUD, 1922-23, p. 245).

Alguns anos mais tarde, em 1925, explicitou algo acerca dessa nova disciplina científica, ou seja, das teorias psicanalíticas. Disse então:

As teorias da resistência e da repressão, do inconsciente, da significação etiológica da vida sexual e da importância das vivências infantis são os principais componentes do edifício teórico da psicanálise. Lamento o fato de aqui ter podido apenas apresentar os elementos isolados, sem mostrar também como se compõem e se imbricam (FREUD, 1925, p. 120).

Algumas das ideias dessa nova disciplina científica já estavam bem estabelecidas na época do texto de 1914. Outras vieram depois.

Ainda no texto de 1925, Freud afirmou que:

Em meus trabalhos dos últimos anos (Além do princípio do prazer, Psicologia das massas e análise do Eu, O Eu e o Id [1920, 1921, 1923]) dei rédea larga ao pendor à especulação, que havia muito era contido, e ponderei uma nova solução para o problema dos instintos. Juntei autoconservação do indivíduo e conservação da espécie no conceito de Eros e a ele contrapôs o silencioso instinto de morte ou de destruição. O instinto é concebido, de forma bastante geral, como uma espécie de elasticidade do ser que vive, como um impulso ao restabelecimento de uma situação que havia existido e foi anulada por um distúrbio externo. Tal natureza essencialmente conservadora dos instintos é exemplificada nos fenômenos da compulsão à repetição. *As convergências e divergências de Eros e instinto de morte constituem para nós o quadro da vida* (FREUD, 1925, p. 144).

Isso é bem novo, mas não torna obsoletas as ideias do texto de 1914, como veremos no que segue. Na verdade, os fatos da *transferência* e da *resistência* tornaram-se ainda mais centrais no edifício freudiano, permanentemente “em obras”. A relação da transferência e das resistências com a chamada compulsão à repetição, já estabelecida desde 1914 no texto *Recordar, repetir, elaborar*, ganha ainda mais sentido depois do texto de 1920 acima mencionado no artigo de 1925. Depois dos textos de 20 e 23, a problemática da resistência associada à compulsão à repetição se aprofunda na compreensão da reação terapêutica negativa.

Do que ele foi nos apresentando em textos como o de 1914, 1922-23 e 1925 podemos ir tentando depreender ainda outras ideias que compõem o que estamos procurando caracterizar como “fundamentos”.

Uma das ideias mais básicas é que a psique (alma) comporta sempre *conflitos*: conflitos entre impulsos (ou pulsões) sexuais e impulsos do eu, ou entre pulsões de vida e pulsões de morte; conflitos entre os impulsos (sexuais e destrutivos) e as conveniências de adaptação à realidade e convivência social dos humanos; conflitos entre impulsos (sexuais e destrutivos) e *mecanismos de defesa* (e, portanto, *resistências*, como apontado no texto de 14); finalmente, conflitos entre instâncias intrapsíquicas, como se verifica na teoria estrutural da mente: conflitos entre eu, id e supereu. Algumas vezes esses conflitos se tornam tão intoleráveis que as defesas mais primitivas tentarão efetivamente sepultá-los ou erradicá-los, produzindo estados profundamente dissociados. Mas isso não elimina os conflitos, apenas os empurra para uma condição inconsciente.

Outra ideia fundante é, de fato, a de que, movida e pressionada por conflitos – e muitas vezes travada e quase devastada pela intensidade deles –, a psique (a alma) produz e comporta dimensões inconscientes tão ou mais importantes quanto a consciência. Como se desalojar da consciência ou impedir o acesso a ela pudesse livrar o sujeito da angústia, isto é, como se o inconsciente protegesse do sofrimento. O que a psicanálise descobre é que, ao contrário, os retornos do inconsciente estão nas raízes dos maiores sofrimentos mentais e somáticos. O que foi desalojado da consciência está mais ativo justamente porque tornou-se inconsciente.

Quanto a isso, durante certo tempo predominou a ideia de um “sistema inconsciente” formado pela defesa chamada “repressão” (ou recalque), que desaloja o conteúdo emocional incompatível e colocado em uma “ideia”, ou representação, remetida ao inconsciente. A partir de certo momento, contudo, a noção de inconsciente se ampliou e diversificou. Hoje preferimos falar em *inconscientes* (no plural), para incluir, além do inconsciente reprimido, o inconsciente pulsional do id (assim como as phantasias inconscientes que lhes são correlatas) – principalmente em seus aspectos não simbolizados –; os mecanismos inconscientes de defesa do eu e do supereu; bem como os inconscientes clivado, o projetado, o encriptado, o encravado etc., isso é, os inconscientes formados por outros mecanismos de defesa além da repressão, tal como as cições, a recusa, a rejeição, as identificações projetivas, a incorporação etc. Essas são justamente as defesas que tentam abolir os conflitos e, como veremos, as ambivalências.

Isso não era conhecido no texto de 1914, mas lá já se falava em resistência – uma consequência inevitável de todas as defesas – e em transferência, uma das manifestações mais importantes dos inconscientes em seus inevitáveis *retornos*, vale dizer em suas repetições. É certo que em 14 a resistência se reduzia à defesa da repressão, tal como pensara Freud durante um certo tempo, mas ao descobrir outros mecanismos de defesa e outros inconscientes, a temática da resistência só fez ampliar-se. A partir de 26 Freud falará em diversas fontes e modalidades de resistências: a resistência do Id, as resistências do eu (entre as quais as transferências) e as resistências do supereu.

Outra ideia fundante diz respeito à questão pulsional: Freud trabalhou com diferentes teorias dos impulsos – mas foram sempre teorias dualistas – até chegar ao chamado segundo dualismo pulsional que opõe libido e agressividade/destrutividade, ambos poderosos, imperiosos, insistentes (origem da compulsão à repetição), onipotentes e inconscientes, como já se viu no texto de 1925 em que a ideia é exposta quase que de passagem, mas ainda assim enfáti-

ca: “As convergências e divergências de Eros e instinto de morte constituem para nós *o quadro da vida*”. Isso não é pouco.

Dada a condição básica de conflitos, a alma é, segundo Freud atravessada permanentemente pela *ambivalência*. Essa ideia sempre esteve presente no pensamento de Freud, mas a partir do segundo dualismo pulsional isso ficou ainda mais enfatizado criando-se a condição do que denominei de “ambivalência de base” (FIGUEIREDO, 2021), uma condição psíquica totalmente inconsciente, e que está presente de forma, às vezes parcialmente consciente, em todas as nossas relações com o ambiente, bem como com todos os objetos, e mesmo nas relações do sujeito consigo mesmo. Essa antiga questão cresceu na clínica e na chamada “psicanálise aplicada” aos fenômenos socioculturais.

O reconhecimento de uma ambivalência de base (aceita, aliás, mesmo entre os analistas que recusaram o segundo dualismo pulsional, mas reconhecem a destrutividade como uma força poderosa e primária no psiquismo) e das ambivalências presentes em todas as relações de objeto, bem como suas diversas implicações, seja na problemática pulsional (que diz respeito ao controle e destinos das pulsões), seja na problemática narcísica (que diz respeito à integridade e à consistência do *self* e à identidade) ganhou relevo no campo da psicanálise. Ao mesmo tempo, como já foi anunciado, mecanismos de defesa primitivos tentam ocultar e mesmo erradicar essa condição. Mas isso ocorre sem prejuízo dos velhos fundamentos, mas acrescentando-se a eles uma questão-chave – a da ambivalência de base, anterior às relações de objeto e persistente ainda quando a experiência de ambivalência fica totalmente submersa e inconsciente.

Para termos acesso aos inconscientes, Freud desde o começo identificou certas vias privilegiadas: os sonhos e relatos de sonho, os atos falhos, os sintomas e a fala em associação livre; pelo lado do analista, o acesso depende da escuta em atenção flutuante. Numa formulação precisa, é necessário dizer que se trata de promover e aproveitar a situação analítica como uma caixa de ressonância em que se dá o *encontro de inconscientes*, dos quais podem emergir *insights*, as interpretações do analista e as transformações subjetivas.

No entanto, aos poucos, os retornos dos inconscientes em atos, nas relações transferenciais foi se tornando cada vez mais significativo de forma a dar à transferência e à interpretação da transferência um valor ainda maior do que aquele de que já gozava na época do texto de 1914. Embora tenha sido visto como problema a ser reduzido e dominado, a ênfase na transferência trouxe à tona, do lado do analista, a contratransferência. Atualmente a observação do campo transferencial-contratransferencial e das resistências que nele se mos-

tram e podem ser compreendidas e enfrentadas por interpretações e manejos tornou-se um instrumento da maior importância na condução do trabalho psicanalítico, o que evidentemente, expande e transforma os fundamentos tal como víramos no texto de 1914, mas não os descarta. Falar em transferência, inevitavelmente, é sempre falar e levar em conta as contratransferências.

Considerando essas ideias é que se pode entender o que Freud propunha como objetivos para a análise. Em um primeiro momento, até o final da década de 10, a meta era acessar o inconsciente para trazê-lo para a consciência. A partir da década de 20, principalmente depois de 1923 com a publicação de *O eu e o id*, o objetivo passa a ser ampliar o campo e o alcance do eu em suas relações com o id e o supereu, a serem de alguma forma enfraquecidos e dominados².

Há, contudo, uma diferença importante a ser assinalada: em relação ao supereu, o eu precisa ganhar uma relativa autonomia, sendo capaz de identificar as forças superegoicas na forma de prescrições e interdições inconscientes e seus efeitos na produção de um sentimento inconsciente de culpa. Trata-se, enfim, de confrontar, desconstruir e “libertar-se”. Já em relação ao id, trata-se fundamentalmente de o eu exercer uma tarefa de metabolização, simbolização e transformação dos impulsos e fantasias inconscientes, entendidas, à moda kleiniana, como os correlatos psíquicos das pulsões.

Atualmente, achamos mais razoável falar em estabelecer melhores relações entre as instâncias – sem abolir os conflitos entre elas – dando ao eu um maior alcance e mais recursos para lidar com impulsos e fantasias, interdições e prescrições, mas sem lhe atribuir funções de domínio. Seria mais preciso falarmos em desenvolver as funções continentais, transformacionais e mediadoras do eu. No entanto é forçoso reconhecer que haverá sempre uma desproporção entre suas capacidades e os desafios que, vindos das outras instâncias, o eu tem de enfrentar.

Esse segundo objetivo pode convergir, mas não coincide, com o de trazer o inconsciente para a consciência.

Ambos os objetivos pertencem ao que podemos elencar como “fundamentos”, sendo que a segunda formulação ajuda na extensão do alcance do tratamento psicanalítico – concebido para e, segundo Freud, restrito às neuroses de transferência. A extensão é a de levar a teoria e a prática da psicanálise para adoecimentos que envolvem problemas na formação e funcionamento do eu, como as psicoses, neuroses narcísicas, neuroses de ca-

2. Essa foi a interpretação dominante na chamada *Ego Psychology*.

ráter, condições esquizoides e *borderline*, bem como adoecimentos psicossomáticos. Essas eram áreas para as quais Freud não via como estender a psicanálise. A restrição estabelecida por Freud devia-se a ele acreditar que apenas em “neuroses de transferência” haveria de fato transferência, uma condição essencial para a psicanálise. Quando a experiência clínica mostrou que outros adoecimentos podiam ser incluídos no campo dos tratamentos, isso se deveu justamente ao fato de que foram sendo reconhecidas modalidades de transferência em todas essas outras condições psicopatológicas. Isso é, a ênfase na transferência encontrada no texto de 1914 tornou-se ainda mais relevante – mais profunda e diversificada – com a passagem dos anos, a evolução das teorias e a ampliação das práticas.

Desde a obra e a época de Freud, aliás, o que se observa é que para além da questão pulsional (sexualidade e destrutividade), seus destinos e extravios patológicos, a problemática narcísica que implica problemas no eu (*ego* e *self*) tendeu a assumir um lugar de muito destaque na psicanálise freudiana e pós-freudiana. Os adoecimentos do eu na sua condição de ego e na sua dimensão de self vieram a ocupar um lugar proeminente nas teorias psicopatológicas e nas práticas. É nesse contexto, inclusive, que atualmente os sofrimentos relacionados às “identidades” – identidades de gênero e identidades étnicas e raciais, por exemplo – vieram a ocupar uma posição relevante para a psicanálise (cf. NUMA, 2022).

Essa evolução incluiu o reconhecimento e estudo de outros mecanismos de defesa além da repressão, alguns muito primitivos e radicais, e a identificação de muitos adoecimentos psíquicos que afetavam o funcionamento do eu e do supereu, o que só se tornara possível com a elaboração da teoria estrutural da mente. Mas como já se disse, as mudanças não alteram o que acima chamamos de fundamentos.

Finalmente, retornando ao campo dos fundamentos, não podemos deixar de lado a aposta na *força das palavras* – uma força quase mágica – no trabalho da psicoterapia: terapia da alma pela alma. Freud havia escrito antes mesmo de ter criado a psicanálise no sentido estrito: “*Psique*” é uma palavra grega que em alemão se traduz “*Seele*” (“*alma*”). Segundo isto, “*tratamento psíquico*” é o mesmo que “*tratamento da alma*”. Poder-se-ia acreditar, então, que por tal se entende tratamento dos fenômenos patológicos da vida anímica. Porém não é este o significado da expressão. “*Tratamento psíquico*” quer dizer, tratamento desde a alma – seja de perturbações anímicas ou corporais – com recursos que de maneira primária e imediata influem sobre o anímico do homem (FREUD, 1890, p. 115, tradução nossa).

Isso define uma crença e uma posição básica e fundamental para a psicanálise enquanto tratamento da alma pela alma, *tratamento desde a alma*. Mais especificamente, um encontro de almas, um encontro de inconscientes que se dá, milagrosamente, por meio de palavras que se dizem e que se escutam, que ressoam e produzem transformações. Como veremos a seguir, essa crença e essa posição também não se tornaram obsoletas, mas precisaram ser um tanto transformadas à medida que nosso campo de trabalho se desenvolvia e ampliava. Outras vias e modalidades de comunicação foram sendo consideradas e incluídas no arsenal do psicanalista, mas, certamente, a palavra não perdeu uma grande relevância no encontro analítico.

A própria ideia da atenção flutuante expandiu-se e diversificou-se constituindo-se no que denominei de escuta polifônica (FIGUEIREDO, 2018).

De lá pra cá

A pesquisa permanente

Ao longo de toda a vida de Freud e de toda a história do movimento psicanalítico a investigação da vida psíquica não cessou, novas descobertas e novas invenções teóricas e práticas vieram à luz, mas os fundamentos foram mantidos e continuamente retomados para todas as novas descobertas, para as invenções conceituais e para os novos dispositivos clínicos que se foram criando no processo de expansão da disciplina anunciada por Freud.

Escolas e matrizes

Durante algumas décadas após a morte de Freud vimos formar-se e se desenvolver a chamada “era das escolas”, caracterizada pela existência de comunidades profissionais quase autônomas de psicanalistas com pequena interação entre si: anafreudianos, kleinianos, *ego psychologists*, lacanianos, *self psychologists*, psicossomatistas etc. No entanto, mesmo no apogeu da era das escolas podia-se reconhecer um tronco comum no qual os “fundamentos” eram visíveis.

Isso permitiu que a partir de certo momento (décadas de 60 e 70) tenha se iniciado um movimento que poderíamos denominar de pós-escola ou transescolar. Diferenças ainda persistiam e persistem, mas muitos analistas em todo o mundo foram se dando conta da riqueza que se encontrava em todas as correntes de pesquisa, tratamento e teorização e das possibilidades de aprender com todas, embora tentando evitar uma tendência ao ecletismo sem rigor.

Ainda mais importante que a simples diferenciação e denominação de “escolas” foi o desenvolvimento de matrizes do pensamento teórico-clínico:

uma centrada na questão das *angústias* e das defesas exageradamente ativadas, outra centrada na questão das *agonias* e dos estados de vazio e de morte psíquica. Nessa segunda, a velha e pré-psicanalítica questão do traumático retornou com força e se inscreveu em nosso campo teórico e clínico.

Em um livro recente (FIGUEIREDO; COELHO JÚNIOR, 2018) chamamos de freudokleiniana a primeira matriz (a dominante) e de ferencziana a segunda (uma matriz suplementar). Na primeira – expressa notavelmente na obra de Wilfred Bion – os objetivos do tratamento mantiveram-se aqueles já formulados por Freud, principalmente os propostos a partir da década de 20. Na segunda matriz – em que avulta a obra de Donald Winnicott – a esses objetivos acrescentou-se o da “vitalização autêntica”, ou seja, o do resgate das possibilidades intrínsecas de vida psíquica – uma verdadeira animação – em psiquismos precoce e selvagemmente traumatizados, mortificados, apassivados.

O interessante, contudo, é apreciarmos a forte presença de uma psicanálise transmatricial na contemporaneidade representada por autores como André Green, Christopher Bollas, Antonino Ferro, René Roussillon etc.

Essa transmatricialidade que se apoia fortemente nos pensamentos teóricos e clínicos dos dois pilares da psicanálise contemporânea, Wilfred Bion e Donald Winnicott, contudo, só se torna possível porque em ambas as matrizes os fundamentos da psicanálise foram preservados: transferência e resistência e, em torno desses conceitos, todos aqueles que fomos tentando explicitar na primeira parte desta fala. Transferências neuróticas e psicóticas, por exemplo, estão presentes nas teorias e nas clínicas de Bion e Winnicott. Defesas primitivas – como cisões e dissociações – bem como resistências ferozes, igualmente. Em ambos também cresce a importância das contratransferências e das operações reais e efetivas que couberam à mãe em sua efetiva realidade e agora cabem ao analista nos processos de cura, o *holding* em Winnicott e a continência e as *reveries* em Bion.

Há grandes diferenças entre as duas matrizes, mas o caminho para uma psicanálise transmatricial foi pavimentado por esses dois gigantes.

O que persiste, se expande e exige contínuo refinamento

Mas como é isso possível? Acreditamos que os “fundamentos” estão sempre operando como *conhecimento implícito*, *conhecimento tácito* (POLANYI, 1960), na mente do analista que os introjetou de tal forma que eles operam sem obstruir nossa escuta, nossa visão e nossa capacidade de imaginar, criar e pen-

sar. Fundamentos bem introjetados deixam a mente do analista aberta para os novos desafios, descobertas e invenções (cf. FIGUEIREDO, 2022). Ou seja, as pesquisas e novos atendimentos, como os já citados que focalizam as identidades de gênero e as identidades étnicas – que envolvem questões de racismo e luta antirracista – pressupõem uma mente de analista bem estabelecida, até mesmo para poder aproveitar elementos da história, da sociologia e da antropologia sem perder o vértice da escuta e do pensamento clínico psicanalítico.

De Freud a Ferenczi, a Klein, Bion e Winnicott, Kohut, Lacan e muitos outros grandes pensadores o que podemos verificar é um movimento de afirmação, expansão e elucidação do que compõe e do que compete à mente do analista como condição básica para que exista psicanálise como método de investigação, método de tratamento e produção conceitual a serviço da compreensão crescente da vida mental, dos aspectos inconscientes da vida psíquica dos humanos e da necessidade de ter mais vias de acesso a ela e seus sofrimentos. Aliás, a psicanálise como método de investigação foi assumindo desde os tempos de Freud e cada vez mais, à medida que o movimento psicanalítico se ampliava, um caráter coletivo. Todos somos pesquisadores e todos colaboramos para a expansão dos nossos saberes e de nossas práticas. Essa dimensão social e intersubjetiva da pesquisa em psicanálise só se torna possível porque trabalhamos com uma “mente de analista” que não obscurece o que há de singular em cada experiência, mas nos deixa aptos a participar de uma comunidade profissional institucionalizada onde, portanto, a comunicação pode ocorrer.

A mente do analista é de fato o “instrumento” necessário e suficiente para a instalação da situação analisante na qual pode ocorrer o encontro de inconscientes com suas turbulências inevitáveis, suas singularidades e possibilidades de transformação das subjetividades que dela participam, inclusive a do próprio analista. É para esse campo que são atraídas – pelas vias da transferência e da contratransferência – a onipotência dos impulsos libidinais e agressivos, as angústias e agonias, as experiências traumáticas não simbolizadas, bem como todas as defesas do sujeito, desde as mais primitivas até a repressão.

O campo transferencial e contratransferencial – instalado, insisto, a partir da mente do analista – é assim atravessado por forças tremendas e de uma complexidade extraordinária.

Não por acaso, Bion não só chamou a nossa atenção para as turbulências que fazem parte do encontro de inconscientes na situação analisante como sugeriu que em vez de *inconsciente* o chamemos de *infinito*. Imagino a situação analisante como um encontro entre infinitos, os infinitos da nossa vida emocional que são, em sua esmagadora porção, inconscientes.

Freud já nos falava em “vastas emoções e pensamentos imperfeitos” e será esse o título de um livro que proximamente será publicado pela editora Blucher dedicado a Wilfred Bion com textos de uma boa quantidade de analistas brasileiros.

A mente do analista será aquela capaz de tolerar essa situação – vastas emoções e pensamentos imperfeitos – e nela abrir novas trilhas e possibilidades de pensamento e prática clínica.

O último capítulo do livro, de autoria de Ignacio Gerber, intitula-se *Emaranhamento inconsciente*: ou seja, infinito e emaranhado. Esse título parece na justa medida de um congresso amazônico de psicanálise³, e talvez todo encontro de psicanalistas tenha algo de amazônico, infinito e emaranhado.

Para concluir

O futuro da psicanálise jaz em seus *fundamentos* (não propriamente em seu “passado”) e na insistente retomada desses mesmos fundamentos em operação tácita na mente dos analistas, abrindo-se continuamente para novos desafios clínicos e socioculturais, mas sempre preservando sua capacidade de tolerância ao infinito emaranhado, e mantendo em bom estado de funcionamento sua capacidade de elaboração individual e coletiva. Em suma: é a mente do analista que faz as vezes de fundamento para a prática terapêutica, para a pesquisa clínica e para a teorização, e não por estar encharcada de teorias e tradições do passado, mas por se identificar com a psicanálise e seu método no que tem de fundamental.

Robert Caper (1998) fala em conservar uma “mente própria” preservando a própria psicanálise como um bom “objeto interno” na mente do analista, o que se aproxima do que estamos sugerindo. No entanto, a noção de “objeto” não sugere o espaço da *abertura* (e *enquadre interno*) que nos parece necessária para manter nossa mente desobstruída e disponível para a escuta e a pesquisa, uma disponibilidade para o futuro. Ou seja, concordando com Caper, mas procurando ser mais precisos, diríamos que a mente própria se mantém pela boa introjeção dos fundamentos da psicanálise enquanto conhecimento tácito e pessoal.

O futuro, enfim, depende da instalação, sustentação e refinamento de uma mente de analista capaz de operar em um campo cuja complexidade não cessa de crescer e nos desafiar.

3. Esse texto foi apresentado no I Congresso Amazônico de Psicanálise, em Manaus.

Tramitação

Recebido 05/05/2023

Aprovado 09/05/2023

Referências

CAPER, R. *A mind of one's own. New library of psychoanalysis*. Inglaterra: Routledge, 1998.

FIGUEIREDO, L. C. Escutas em análise. Escutas poéticas. *A psicanálise: caminhos em um mundo em transformação*. São Paulo: Escuta, 2018.

_____. A ambivalência de base e seus destinos em Freud e Melanie Klein. *Psicanálise. Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, v. 23, p. 46-59, 2021.

_____. *A mente do analista*. 3. ed. São Paulo: Escuta, 2022.

FIGUEIREDO, L. C.; COELHO JÚNIOR, N. E. *Matrizes do adoecimento psíquico e estratégias de cura*. São Paulo: Blucher, 2018.

FREUD, S. *Tratamiento psíquico. (tratamiento del alma)*. Argentina: Amorrortu Editores, 1890. (Obras completas, 1).

_____. *Recordar, repetir, elaborar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1914a. (Obras completas, 10).

_____. *Contribuições à história do movimento psicanalítico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1914b. (Obras completas, 11)

_____. *Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 1922-23. (Obras completas, 10).

_____. *Autobiografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1925. (Obras completas, 16).

NUMA, S. *On being one's self. Clinical explorations in identity*. Inglaterra: Routledge, 1923.

POLANYI, M. *Personal knowledge*. University of Chicago Press, 1960.